A Momo o que é de Momo e a Deus o que é de Deus.

No dia 2 de março de 2019, durante o carnaval de São Paulo, a escola de samba "Gaviões da Fiel" apresentou uma cena ofensiva aos cristãos de todo o Brasil. Encenava-se ali, aos olhos do público, uma vitória de Satanás sobre Jesus Cristo.

Em entrevista, o coreógrafo Edgar Júnior expôs o propósito da apresentação: "[...] *o foco era chocar. Alcançamos nosso objetivo, que era mexer com a polêmica 'Jesus e o diabo e a fé de cada um'*".

Desde então, inúmeras pessoas manifestaram-se em contrariedade, indignadas com essa completa inversão dos valores que nos civilizaram.

Aquela manifestação tampouco pode ser chamada de arte. Tratou-se apenas de um claríssimo estímulo ao desrespeito, à intolerância, para não dizer um verdadeiro escárnio contra a fé que construiu o Brasil. Um crime, no final das contas.

Mas é preciso que se compreenda: manifestar repúdio não é pedir censura. O carnaval já acabou. Não há o que censurar. Repudia-se, porém, aquilo que ultrapassa todo os limites da civilidade, que agride com incompreensível gratuidade, com virulência criminosa, o sentimento religioso da população.

É preciso ter claro que não há direito absoluto. Assim, o direito à liberdade de expressão não pode ser tomado como um salvo conduto para o achincalhe público da crença alheia. Absolutamente incabível é, portanto, uma manifestação que, sob o pretexto de fazer arte, deixe de fazê-la para servir de açoite contra a fé da esmagadora maioria dos brasileiros. Nada justifica a estupidez blasfema daquele espetáculo.

Entende-se aqui que nenhuma garantia seja mais valiosa que a da preservação da liberdade de consciência e de crença religiosa. Intimamente conectada à própria identidade do povo, ela se prende às raízes do brasileiro, informa-lhe os valores, justifica-lhe os princípios. Serve de base a toda a moralidade da civilização em que ele foi gerado.

Quando invade o campo da inviolabilidade de consciência e de crença, a liberdade deixa de ser liberdade. Vira agressão gratuita e sem castigo. Sem falar que tal manifestação, de certa forma, foi financiado pelo dinheiro do próprio povo brasileiro. No caso aqui, pelo cidadão paulistano.

É preciso repensar as prioridades da Administração. Até que ponto seria válido, correto e bom manter o financiamento público das Escolas de Samba, num evento privado e voltado a agremiações privadas?

Havendo notável carência nas áreas da saúde, educação e segurança, fica injustificado que sejam custeados espetáculos como este, que ataca o que é mais sagrado àqueles que o financiam, que morde a própria mão que o alimenta.

Devem as autoridades públicas, portanto, refletir sobre o uso dos recursos destinados ao carnaval. Sem falar nas medidas legais que se deve adotar contra os responsáveis pela apresentação criminosa.

Sabemos que Cristo foi escarnecido, perseguido e morto. Mas não vencido pelo demônio. Nunca. Pelo contrário, derrotou-o. E depois, pelo amor que tinha aos homens, venceu a morte pela cruz, salvando para sempre a humanidade que o condenava. E que, pelo visto, ainda o condena.

Santos, 18 de março de 2019

Paulo Henrique Cremoneze

José Luiz Lourenço Junior

Leonardo Reis Quintanilha

Membros da ADCE-LSP – Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa do Litoral de São Paulo